

## **Itabira**

### **Minas Gerais - MG**

#### **Histórico**

“... Descobriram-se em 1698, as Minas Gerais, (sic) as do Ouro Preto, as do Morro, as do Ouro Branco, as de São Bartolomeu, Ribeirão do Carmo, Itacolomi, Itatiaia, Itabira...”, escreve Rocha Pita, em sua “História da América Portuguesa”, citada por Francisco Ignácio Ferreira, em seu “Dicionário Geográfico das Minas do Brasil”, edição de 1885.

Apesar disto, a tradição local, dá o ano de 1720 como ponto de partida de sua história, iniciando-se com a aventura de dois mineradores que, encontrando-se no Itambé, e divisando ao longe a característica silhueta do pico mais tarde batizado de “cane”( em que a língua africana, significa “irmãos”), para lá se dirigiram, encontrando ouro nos ribeiros que desciam das encostas.

Os dois mineradores, irmãos, Francisco e Salvador Faria de Albanaz, que eram paulistas e descendentes de bandeirantes, os Camargos, voltaram ao ponto de origem em busca de escravos, apetrechos e viveres, retornando ao Caué; não se sabe, ao certo, por quanto tempo desfrutaram, sós, as minas descobertas, mas a fama correu célebre e não faltaram concorrentes, adquirindo direitos aos primeiros desbravadores, que vieram se fixar nas redondezas. Pequenas cabanas foram surgindo pelas margens dos córregos. Instalavam-se não muitos distantes uns dos outros, que o gentio em torno impunha respeito e, não raro, investia contra os usurpadores de seus direitos naturais, infligindo-lhes castigos severos.

O provável, no entanto, é que estes choques violentos que roubavam vidas a indígenas e a brancos não fossem sistemáticos e só ocorressem por imprudência nas relações de brancos e índios, naqueles idos, efetuadas através de “línguas”, como eram chamados os intérpretes; tanto era pacífico o contato que o branco sempre assimilava a toponímica do gentio; no caso, “Itabira” é palavra indígena que, segundo uns, traduz-se por “pedra que brilha” e, segundo outros, por “pedra aguda”.

No fim do século XVIII, o povoado tomara consistência, unificando-se mais ou menos para os lados do Córrego da Penha, já tendo início os arruamentos de “Sant’Ana”, do Rosário” e dos “Padres”.

Conhece-se a data da chegada de alguns dos moradores que, vindos depois dos irmãos Albanaz, fixaram-se nesse povoado; João Pereira da Silva, chegou em 6 de junho de 1737; Antônio Pereira da Silva, em 20 de setembro de 1739; Antônio Lopes, padre Manoel do Rosário e João Ferreira Ramos, em 27 de abril de 1764. Pouco mais tarde, chegaram Francisco da Costa Lage e Francisco de Paula Andrade. Ainda, por um antigo documento, sabe-se que a primeira mulher a chegar ao local foi a Senhora Maria do Couto.

A essa altura, se construíra uma capela, escolhida Nossa Senhora do Rosário padroeira local. Em 1827, o povoado já desenvolvido e livre dos ataques dos índios, pela chegada de um Destacamento chefiado pelo cap. Francisco Procópio de Alvarenga Monteiro, que os dizimara até a longínqua região de Ferros, recebeu a categoria de “arraial”, pertencente à Vila Nova da Rainha (hoje, Caeté), e, na mesma época elevava-se a freguesia.

A mineração do ouro entrou em declínio, o que não arrefeceu o impulso inicial da povoação, pois, ao brilho sedutor do ouro, sucedia uma nova riqueza mineral, menos bela e mais útil, o ferro.

Surgiram as primeiras forjas. Um dos pioneiros da nova indústria foi o fundador Domingos Barbosa, que se instruíra a respeito em Mariana, sendo o primeiro construtor de forjas, Manoel Fernandes Nunes. Não só se fundia o minério de ferro, como dele manufacturavam-se variados objetos, ferramentas e até armas, como as espingardas ali fabricadas e adquiridas pelo próprio Governo Real, que financiava as fábricas.

Em 1867, subia a 84 o número de forjas nas regiões de Itabira e Santa Bárbara, segundo afirma, em um seu relatório, o Conselheiro João Crispim Soares. Ainda hoje, no local denominado Girau, no distrito da sede, persistem ruínas de algumas dessas forjas.

Daí para cá, tem sido o sustentáculo da vida econômica do município, jamais tendo cessado a extração do minério em escalas cada vez mais importantes. Saint-Hilaire, o ilustre visitante que percorreu o Brasil, afirmou, sobre as reservas minerais de Itabira, que bastavam, por si sós, para o suprimento integral de todo o mundo, por séculos. Suas serras e montes e picos de “hematita” e “manganês”, dão imponente testemunho de suas riquezas, em muda concordância com a previsão de Saint-Hilaire. Modernamente, se admite existência de minerais atômicos, na área do município.

O padrão econômico dos moradores foi sempre elevado, em relação ao de outras zonas do Estado, permitindo às tradicionais famílias locais a construção de grandes residências em estilo colonial que, ainda hoje, dão à cidade um aspecto senhorial e característico.

O centenário da elevação de sua sede à categoria de vila foi comemorado em 1948, com grandes festividades cívicas.

## **Gentílico: itabirano**

## **Formação Administrativa**

Distrito criado com a denominação de Itabira de Mato Dentro, pelo Alvará de 25-01-1827, e Lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Caeté.

Elevado à categoria de vila com a denominação Itabira de Mato Dentro, pela Resolução de 30-06-1833, desmembrado de Caeté. Sede na antiga povoação de Itabira de Mato Dentro. Constituído do distrito sede. Instalado em 07-10-1833.

Elevado à condição de cidade com a denominação de Itabira, pela Lei provincial nº 374, de 09-10-1848.

Pela Lei provincial nº 384, de 09-10-1848, e Lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de São José da Lagoa e anexado ao município de Itabira.

Pela Lei provincial nº 1635, de 15-09-1870, e Lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Carmo de Itabira e anexado ao município de Itabira.

Pela lei provincial nº 1758, de 01-04-1871, e Lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Santa Maria e anexado ao município de Itabira.

Pela Lei municipal nº 26, de 23-05-1894, e Lei municipal nº 214, de 07-09-1901, é criado o distrito de Aliança e anexado ao município de Itabira.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 5 distritos: Itabira, Aliança, Carmo de Itabira, Santa Maria, São José da Lagoa.

Nos quadros de apuração do recenseamento geral de I-IX-1920, o município é constituído de 5 distritos: Itabira, Aliança, Nossa Senhora de Itabira (ex-Carmo de Itabira), Santa Maria, São José da Lagoa.

Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pelo Decreto-lei estadual nº 148, de 17-12-1938, desmembra do município de Itabira o distrito de São José da Lagoa. Elevado à categoria de município com a denominação de Presidente Vargas. Ainda pelo mesmo decreto-lei altera os distritos: Santa Maria para Santa María de Itabira e Nossa Senhora de Itabira para Senhora do Carmo.

No quadro fixado para vigorar no período 1939-1943, o município é constituído de 4 distritos: Itabira, Aliança, Santa Maria de Itabira (ex-Santa Maria) e Senhora do Carmo (ex-Nossa Senhora do Carmo).

Pelo Decreto-lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, o município de Itabira passou a denominar-se Presidente Vargas e o distrito de Aliança a chamar-se Ipoema. Ainda pelo mesmo decreto-lei desmembra do município de Itabira o distrito de Santa Maria do Itabira. Elevado à categoria de município.

Pelo Decreto nº 2430, de 05-03-1947, o município de Presidente Vargas voltou a denominar-se Itabira.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 3 distritos: Itabira (ex-Presidente Vargas), Ipoema e Senhora do Carmo.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Alterações toponímicas municipais**

Itabira de Mato Dentro para simplesmente Itabira, alterado pela Lei provincial nº 374, de 09-10-1848.

Itabira para Presidente Vargas, alterado pelo Decreto-lei estadual nº 1058, de 31-12-1943.

Presidente Vargas para Itabira, alterado pelo Decreto nº 2430, de 05-03-1947.

**Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, volume XXV, 1959.**